

A realização do XII Congresso do Partido Comunista (bolchevique), em 1923, se deu em meio a uma grande polêmica que se referia exatamente à questão da permanência ou não da Nova Política Econômica (NEP), ou seja, ao violento debate entre os defensores de seu aprofundamento, com a manutenção dos incentivos à produção agrícola e os privilégios dados aos produtores rurais privados (*kulaks*) e aqueles que, ao contrário, defendiam a ruptura com essa política e a adoção de uma política de incentivo ao desenvolvimento da indústria, especialmente da indústria pesada.

A pedra de toque para o início das discussões foi o “Informe sobre a industrialização” relatado por Trotsky durante o XII Congresso, que deu origem à célebre questão da “crise da tesoura”.

Do ponto de vista político, dentre os problemas que ficaram latentes e soltos no ar, um que poderia ser apontado como sendo dos mais explosivos foi a identificação entre as posições de Trotsky quanto ao problema da industrialização, ou seja, no que se referia ao sentido do desenvolvimento da política econômica a ser incrementada mesmo no quadro da NEP (privilegiamento da indústria e do planejamento), e as posições de um expressivo e altamente qualificado grupo de quadros dirigentes do partido e do aparelho estatal, entre os quais se destacavam Preobrazhenski, Osinski, Kretinski e Piatakov.

São remanescentes dos antigos “comunistas de esquerda” que continuavam a defender teses que poderiam ser, à primeira vista, consideradas muito semelhantes às que haviam sido apresentadas em 1918, que receberam resposta de Lênin no fundamental ensaio “O infantilismo de ‘esquerda’ e a mentalidade pequeno-burguesa”.

Mas havia diferenças consideráveis entre as teorias daquela época, consubstanciadas nas “Teses sobre o momento atual”, dos comunistas de esquerda, que foram elaboradas em sua maior parte por Bukhárin. Agora, ele já não estava envolvido nas novas formulações teóricas, embora se possa perceber a contribuição de outro dos antigos comunistas de esquerda, E. Preobrazhenski.

A oposição à NEP pode ser identificada como sendo de duas ordens: do ponto de vista da teoria

econômica, afirmava-se que havia a necessidade de reformular a política diante dos grandes fazendeiros (*kulaks*), que eram os únicos beneficiados com a acumulação permitida pela forma de produção capitalista privada no campo. Em seguida, evidentemente, para atingir-se tal resultado, privilegiar a industrialização planejada (socialismo) de maneira a não só se conseguir superar a “crise da tesoura”, aumentando o poder de troca dos produtos industriais, mas, mais do que isso, criar as condições para uma melhor situação da classe operária industrial, que vivia em posição desconfortável e até mesmo dramática diante das liberalidades que haviam sido feitas em função da volta do trabalho assalariado privado, isto é, que os *nepmani* pudessem ter empregados assalariados nas fábricas que lhes foram dadas em concessão ou alugadas, ou ainda naquelas cooperativadas, mas, também, devido ao fato de que o precário desenvolvimento da indústria levava a uma desqualificação da classe operária diante dos camponeses, já que os últimos podiam obter melhores ganhos com a apropriação privada permitida pela troca capitalista no campo, e os operários tinham suas formas de remuneração diminuídas pela crise existente no setor industrial.

Em princípio, essas eram, de forma esquemática e resumida, as teses que os “novos comunistas de esquerda” defendiam, embora, evidentemente, sua fundamentação teórica fosse muito mais rica e complexa na obra de Preobrazhenski, seu grande formulador.

No geral eram também essas as posições que Trotsky defendia desde o final de 1921, e que no XII Congresso, em abril de 1923, colocara em seu “Informe sobre a industrialização”. De maneira que para os seus adversários a semelhança de pontos de vista não foi julgada apenas uma coincidência. Parecia muito mais uma ação organizada, de forma a sugerir que entre Trotsky e os “novos comunistas de esquerda” se dera a formação de um bloco.

Trotsky jamais fora comunista de esquerda e nunca participara de qualquer manifestação do grupo no passado. Estava se aproximando desses remanescentes por suas opiniões e tinha deles a simpatia por suas posições. De forma que a suspeita, muito mais cedo do que se possa pensar, se transformaria em conclusão por parte da direção da troika.

Recordemos que foi no XII Congresso que se deram as primeiras discussões em torno dos últimos artigos e anotações de Lênin (aqueles textos que haviam sido publicados no *Pravda* e parte da “Carta ao congresso” que fora encaminhada por ele para ser lida e discutida, mas *não ainda as anotações pessoais sobre Stálin*, que só seriam liberadas por Krúspkaia, sua mulher, de acordo com as instruções de Lênin, depois de sua morte, e que, assim, só seriam conhecidas em 1924, no XIII Congresso), em que a figura de Stálin fora colocada no centro das críticas quanto aos métodos de direção implantados no partido após sua indicação como secretário-geral e responsável inclusive pelo Orçuburo (Birô de Organização).

Foi o silêncio de Trotsky nessas discussões que impediu que o conjunto do partido conseguisse melhores resultados contra Stálin e, da mesma forma, o apoio dado por Zinoviev e Kamenev ao secretário-geral, consolidando assim a *troika* que se colocaria como direção “coletiva” em oposição a uma possível liderança única de Trotsky.

Toda essa oposição ao núcleo dirigente e à linha por ele imposta à direção do partido, não somente em função da política econômica baseada na NEP, mas também em decorrência de aspectos mais profundos e complicados — ou seja, quanto aos métodos de direção e à democracia interna no partido —, foi se acentuando de maneira a provocar movimentos mais organizados e unitários. Esses movimentos agrupavam membros de diferentes tendências existentes no partido. Havia os que eram remanescentes das duas facções sindicais envolvidas anteriormente nas discussões sobre a questão sindical (1920-1921), os grupos Oposição Operária e Centralistas Democráticos, ambos formados por velhos quadros bolcheviques, de orientação às vezes anarco-sindicalista, mas que, no momento da revolução, haviam fechado com o partido. Derrotados nas discussões em torno do papel dos sindicatos (1920-1921), tinham sido obrigados, pelas decisões do X Congresso, de 1921, a se submeterem à disciplina partidária, mas não deixaram de fustigar a direção com suas palavras de ordem e reivindicações. Havia, também, fortes contingentes da liderança política da velha guarda bolchevique, isolada por diferentes razões e ocupando cargos de menor relevância, mas mantendo prestígio e influência por seu passado e por suas lutas; finalmente, havia os que estavam entre os líderes mais representativos, com papel saliente nos aparelhos do partido, do Estado e do governo, como Preobrazhenski, Piatakov, Kretinski, Smirnov e muitos outros.

O arrastar das lutas internas com a cada vez maior afirmação da *troika* dirigente e com a neutralização de Trotsky no aparelho do partido levou a que essas diversas tendências se aproximassem umas das outras e enviassem, em outubro de 1923, à direção do partido um duro documento — *Manifesto dos 46*¹ — da mais alta importância, que, já em 1923, oferece os fundamentos para se avaliar a profundidade das divergências no seio da liderança do partido bolchevique.

Antonio Roberto Bertelli

MANIFESTO DOS 46*

Ao Politburo do Comitê Central do Partido Comunista Russo:

A extrema gravidade da situação nos obriga (no interesse de nosso partido, no interesse da classe trabalhadora) a manifestar com inteira clareza que a continuidade da política adotada pela maioria do Politburo ameaça levar o partido a lamentáveis reveses. A crise econômica e financeira iniciada no final de julho do presente ano, com todas as conseqüências políticas internas ao partido que dela derivam, revelou inexoravelmente a incapacidade da liderança do partido tanto no domínio econômico como no das relações internas do partido.

O caráter ocasional, superficial e carente de sistematização das decisões do Comitê Central, que não conseguiu pôr ordem no domínio econômico, nos levou a uma situação em que, apesar dos indubitáveis êxitos conseguidos no campo da indústria, da agricultura, das finanças e do transporte — êxitos conseguidos espontaneamente pela economia do país e apesar da inépcia da liderança, ou, em outras palavras, apesar da ausência de qualquer liderança —, estamos destinados não só ao desaparecimento de todos esses êxitos, mas também a uma grave crise econômica.

Temos diante de nós a visível desvalorização do *chervonets*, que se transformou espontaneamente numa moeda básica antes que fosse liquidado o déficit do orçamento; nos defrontamos com uma crise de crédito na qual o Gosbank não pode, sem risco de um sério colapso, financiar a indústria ou o comércio de produtos industriais, nem adquirir sequer grãos para a exportação; nos defrontamos com a paralisação das

* Traduzido conforme publicado em E. H. Carr, *op. cit.*, pp. 364-369.

vendas de produtos industriais como conseqüência de seus altos preços, o que se deve, por uma parte, à ausência de uma direção planejada e organizada da indústria e, por outra, a uma equivocada política de créditos; nos defrontamos com a impossibilidade de executar o programa de exportação de grãos devido à incapacidade para comprá-los; nos defrontamos com os preços extremamente baixos dos produtos básicos de subsistência, que prejudicam o campesinato e ameaçam com uma diminuição geral da produção agrícola; nos defrontamos com desigualdades no volume dos salários, o que provoca o natural descontentamento dos trabalhadores com o caos orçamentário, o que, indiretamente, produz o caos no aparelho estatal. Os métodos “revolucionários” de fazer cortes ao se estabelecer o orçamento e os novos e elementares cortes na hora de executá-lo deixaram de ser medidas provisórias para se transformarem em fenômenos regulares que transtornam constantemente o aparelho do Estado, o transtornam de maneira fortuita e espontânea.

Esses são alguns dos elementos da crise econômica, creditícia e financeira que já começou. Se não se tomarem agora medidas enérgicas, pensadas e planejadas, se continuar a ausência de direção, nos defrontaremos com a possibilidade de um colapso econômico muito grave que, inevitavelmente, acarretará complicações políticas internas e uma paralisação total de nossa efetividade externa e de nossa capacidade de ação. E este último caso, como todos podem compreender, nos é agora muito mais necessário do que nunca; dele depende o destino da revolução mundial e da classe trabalhadora de todos os países.

Igualmente, no domínio das relações internas do partido, vemos como a mesma inepta direção o paralisa e desarticula; isso pode ser visto com especial clareza pela crise que atravessamos.

Não debitamos tudo isso à incapacidade política dos atuais dirigentes do partido; ao contrário, por muito que divirjamos deles quanto ao que opinamos no que se refere à atual situação e aos meios para se modificá-la, compreendemos que em qualquer circunstância o partido não deixaria de designar os atuais dirigentes para que ocupassem os cargos mais importantes da ditadura do proletariado. Debitamos isso ao fato de que, sob a forma externa de unidade oficial, temos na prática uma proteção no preenchimento de cargos e uma manipulação dos assuntos privilegiada e adaptada aos pontos de vista e às simpatias de um estreito círculo. Como conseqüência de uma liderança distorcida por tão particulares motivações, o partido

deixa de ser em grande parte essa coletividade independente, viva e sensível à realidade porque é ligada a ela por mil fios. Em seu lugar, observamos a divisão crescente, agora apenas dissimulada, entre uma hierarquia secretarial e “as pessoas comuns”, entre os funcionários profissionais do partido indicados a partir de cima e a massa geral do partido que não participa na vida comum.

Esse é um fato que todos os membros do partido conhecem. Os membros do partido que estão descontentes com uma ou outra decisão do Comitê Central ou mesmo de um Comitê Provincial; que têm dúvidas quanto a um assunto ou outro; que percebem particularmente um ou outro erro, irregularidade, inclusive temem falar sobre isso em suas conversas particulares, a menos que seu interlocutor seja de sua inteira confiança do ponto de vista da “discrção”. As discussões livres dentro do partido desapareceram na prática e a opinião pública dentro do mesmo foi sufocada. Atualmente não é o partido, nem a sua massa de filiados, que promove e elege os componentes dos comitês provinciais e do Comitê Central do PCR. Ao contrário, a hierarquia secretarial do partido designa, cada vez com mais freqüência, os delegados a conferências e congressos que se convertem, ainda em maior medida, em assembléias executivas dessa hierarquia.

O regime estabelecido dentro do partido é absolutamente intolerável, destrói sua independência, o substitui por um aparelho burocrático recrutado que age sem dificuldades em tempos normais, mas que inevitavelmente falha nos momentos de crise e que ameaça cair na ineficácia mais completa diante dos sérios acontecimentos que nos esperam.

A situação criada é explicada pelo fato de que o regime de ditadura de um grupo dentro do partido, estabelecido após o X Congresso, se prolonga além da conta. Muitos de nós consentimos em nos submeter a esse regime. A mudança política de 1921 e depois a doença do camarada Lênin exigiam, segundo opinávamos alguns, a ditadura dentro do partido como medida provisória. Outros camaradas, já desde o início, adotaram em relação a ela uma atitude cética ou negativa. Seja como for, para a época em que se realizou o XII Congresso do partido, esse regime já não tinha razão de ser. Havia começado a nos mostrar outra cara. As relações dentro do partido começaram a se debilitar. O partido começou a entrar em coma. Movimentos de oposição de caráter virulento começaram a assumir posições antipartido, já que não existiam discussões das questões mais candentes entre camaradas. Essas dis-



Lenin

cussões teriam revelado sem dificuldade o caráter virulento desses movimentos, tanto às massas do partido, como à maioria dos participantes das mesmas. Como conseqüência, se deram movimentos ilegais que se nutrem de membros do partido e o afastam das massas trabalhadoras.

Se no futuro imediato não se modificar radicalmente essa situação, a crise econômica da Rússia soviética e a crise da ditadura fracional dentro do partido desferirão rudes golpes na ditadura dos trabalhadores da Rússia e no Partido Comunista da Rússia. Com tal carga sobre os seus ombros, a ditadura do proletariado na Rússia e o PCR não podem entrar na fase dos iminentes distúrbios em escala mundial, se não querem se arriscar a sofrer derrotas em todas as fren-

tes da luta proletária. Assim sendo, à primeira vista, seria o mais simples resolver a questão decidindo-se que neste momento, e dadas as circunstâncias, não há nem pode haver lugar para colocar o problema da mudança de rumo do partido, para incluir na agenda novas e complicadas tarefas, etc. Mas é evidente que tal ponto de vista equivaleria a fechar oficialmente os olhos para as realidades da situação, já que todo o perigo reside no fato de que não existe uma verdadeira unidade de pensamento nem de ação diante de uma situação tão extraordinariamente complicada, tanto internamente como externamente. A luta que se desenvolve no partido é tanto mais aguda quanto mais silenciosa e secretamente é levada a cabo. Se colocamos este assunto ao Comitê Central é, precisamente, para que se aja da maneira mais rápida e menos dolorosa para superar as contradições que dividem o partido e para colocá-lo sem demora sobre bases mais saudáveis. Uma unidade real tanto nas opiniões como nas ações é indispensável. As dificuldades que temos sobre nós exigem unidade fraternal, totalmente consciente, extremamente vigorosa, com ação extremamen-

te concentrada, por parte de todos os membros de nosso partido. O regime fracional deve ser abolido, coisa que devem fazer, em primeiro lugar, os mesmos que o criaram, para dar lugar a um regime de unidade entre camaradas e à democracia dentro do partido.

Para tratar do exposto e para tomar as medidas indispensáveis a fim de resolver a crise política, a econômica e a que consome o partido, propomos ao Comitê Central, como primeira medida de urgência, que convoque uma conferência de membros do Comitê Central com os mais salientes e ativos trabalhadores do partido, cuidando para que na lista dos convidados se inclua um número de camaradas que opinem sobre a situação de maneira distinta à da maioria do Comitê Central.

Assinam a declaração ao Politburo do Comitê Central do PCR sobre a situação interna do partido, de 15 de outubro de 1923,²

E. Preobrazhenski / B. Breslav / L. Serebriakov

Não estou de acordo com alguns dos extremos desta carta a respeito das causas da situação criada, mas considero que o partido deparará com problemas que não podem ser resolvidos de todo pelos métodos praticados até agora; portanto, me solidarizo com a conclusão final desta carta.

A. Beloborodov

Estou totalmente de acordo com as propostas, ainda que discorde de alguns pontos das motivações.

A. Rosengolts / M. Alski

No essencial concordo com as opiniões deste manifesto. A demanda de que sejam tratados direta e indiretamente todos os nossos males se tornou tão peremptória que apóio totalmente a proposta de que se convoque a conferência aludida, com o objetivo de nela se fixar a maneira prática de evitar que se acumulem as dificuldades.

Antonov-Ovseenko / A. Benediktov / I. N. Smirnov / Yu. Piatakov / V. Obolenski (Osinski) / N. Muralov / T. Sapranov

A situação do partido e a situação internacional são tais que exigem, mais do que nunca, a energia e a concentração das forças do partido. Solidarizo-me com a declaração e a considero exclusivamente como uma tentativa de restabelecer a unidade no partido e de prepará-lo para os acontecimentos que se aproximam. É natural que nos momentos atuais sejam descartadas totalmente as lutas de qualquer tipo dentro do partido. É essencial que o Comitê Central estude a situação com objetividade e tome medidas urgentes para acabar com o descontentamento dentro do partido e também entre as massas que não pertencem ao mesmo.

A. Goltsman / V. Maksimovski / D. Sosnovski / Danishevski O. Shmidel / N. Vaganian / I. Stukov / A. Lobanov / Rafail / S. Vailchenko / Mik. Zhakov / A. M. Puzakov / N. Nicolaev

Como ultimamente estive um pouco afastado do que se faz nos centros do partido me abstenho de julgar os dois primeiros parágrafos do preâmbulo; com o resto estou de acordo.

Averin



Lenin

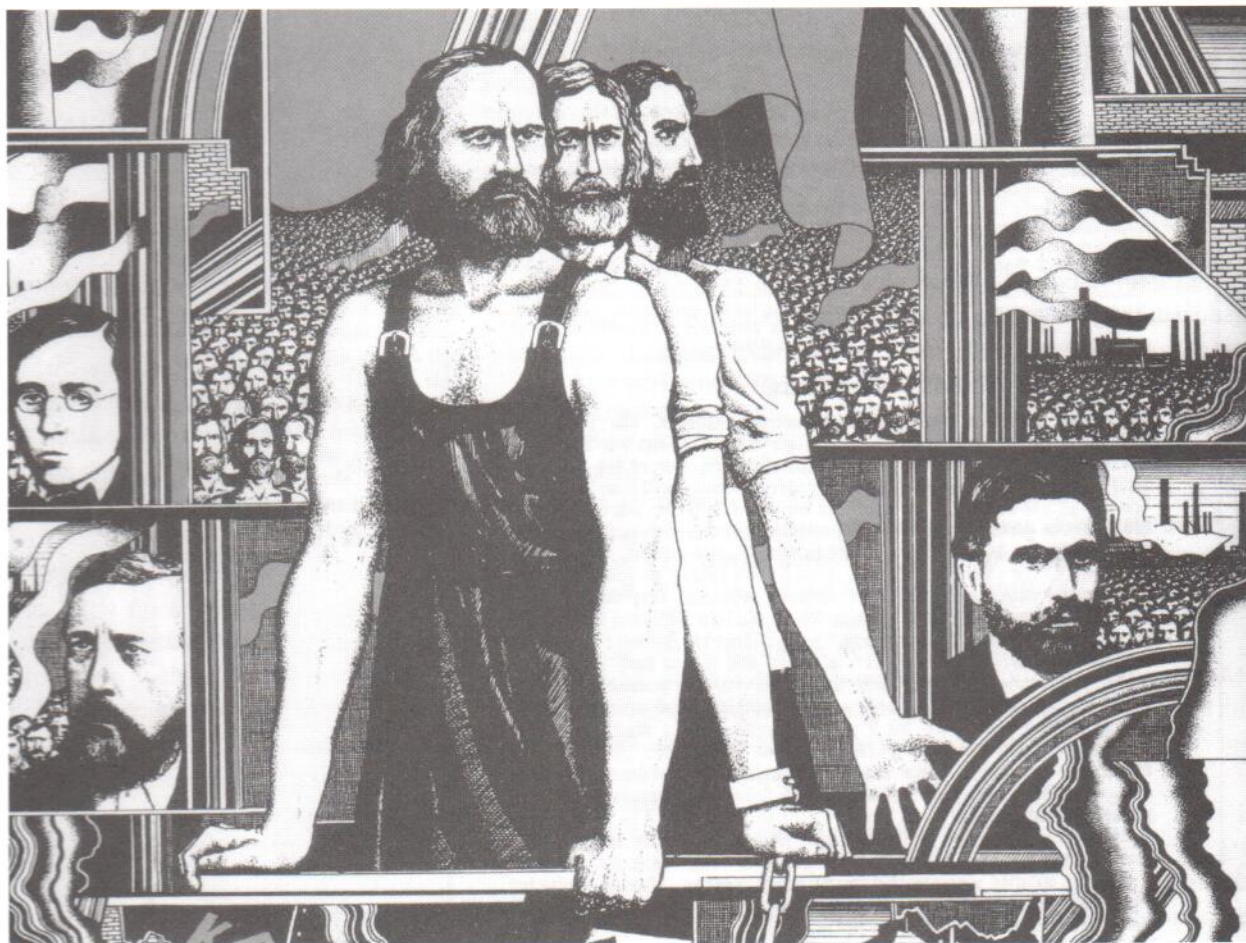
Estou de acordo com a exposição, na primeira parte, da situação econômica e política do país. Considero que na parte em que se descreve a situação interna do partido existe um certo exagero. É totalmente indispensável tomar medidas imediatamente para se preservar a unidade do partido.

I. Bogoslavski / P. Mesiatsev / T. Jorechko

Não estou de acordo com certo número de opiniões da primeira parte da declaração; não estou tampouco de acordo com certas apreciações sobre a situação interna do partido. Ao mesmo tempo estou de todo convencido de que a situação do partido exige que se tomem medidas radicais, por não ser saudável seu estado. Solidarizo-me por inteiro com as propostas de tipo prático.

A. Bubnov / A. Voronski / V. Smirnov / E. Bosch / I. Bik / V. Kosior / F. Lokatskov

Estou em total acordo com as apreciações sobre a situação econômica. Nos atuais momentos considero perigoso o debilitamento da ditadura política, mas é



indispensável uma explicação. Creio que se torna necessária uma conferência.

Kaganovich / Deobnis / F. Kovalenko / A. E. Minkin / V. Yakovleva

Em tudo de acordo com as propostas práticas.

B. Eltsin

Assino com as mesmas reservas do camarada Bubnov.

L. Levitin

Assino com as mesmas reservas de Bubnov, ainda que não me solidarize com a forma nem com o tom, o que me leva a apoiar duplamente a parte prática da declaração.

I. Paliudov

Não estou de todo de acordo com a primeira parte que trata da situação econômica do país; esta é verdadeiramente grave e exige ser considerada com muitíssima atenção, mas até esta data o partido não

produziu homens capazes de levar as coisas melhor que aqueles que as vêm fazendo. Sobre o assunto da situação interna do partido, considero que há uma parte de verdade em tudo o que se diz e considero também necessário que se tomem medidas urgentes.

F. Sudnik

NOTAS

¹ E. H. Carr informa como chegou ao *Manifesto dos 46*: “[...] Também utilizei as bibliotecas da School of Slavonic Studies da Universidade de Londres e do Institute of Agrarian Affairs da Universidade de Oxford, a Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine da Universidade de Paris, e as da International Labour Office de Genebra e do International Instituut voor Sociale Geschiedenis de Amsterdam. Foi neste último instituto que encontrei uma cópia datilografada do até agora inédito ‘Programa dos 46’, cuja tradução incluo no presente volume” (cf. *História de la Rússia soviética. El interregno (1923-1924)* (2ª edição. Madri: Alianza Editorial, 1977), p. 10.

² As assinaturas na cópia da qual se fez esta tradução se encontram de tal maneira, mas não é possível assegurar que, no original, estavam colocadas na mesma ordem (Nota de Carr, *op. e loc. cit.*, p. 367).